

SÔBRE CRÔNICAS

UMA senhora é bastante gentil para me escrever se queixando de que nem todo dia encontra a minha crônica neste canto de jornal.

«É como se eu tivesse um encontro marcado com um velho amigo e êle faltasse. É verdade que às vêzes você é meio cacête, ou diz coisas que me contrariam, mas ainda assim prefiro que escreva, e me desagrade, a que não escreva...»

Fico sinceramente grato a essa amiga desconhecida; tanto mais que mostra ser amiga das horas boas e das ruins. Há mais de trinta anos, com poucas e pequenas interrupções, faço crônica diária em algum jornal; até hoje, não consigo falhar um dia sem sentir um pequeno remorso; não quero exagerar dizendo que o remorso doa, nem dure muito; apenas incomoda de leve, e passa logo, mesmo sem aspirina.

Pior que isso é o sentimento, desgraçadamente freqüente, de ter escrito uma crônica demasiado fraca e ruim. Eu mesmo a leio no dia seguinte, para me castigar — o que, afi-

nal de contas, é um jeito de ser solidário com os leitores: e a leio até o fim, com tôda a crueldade mental, o que certamente os leitores não fazem — nem mesmo a minha tão bondosa missivista. Vejam que muito o Braga sofre.

E falarei de outros sofrimentos, na esperança de apiedar a leitora que me censura. Um, eu penso que será comum a todos que limitam sua atividade literária a esta coisa afinal de contas sômente paraliterária, que é a crônica de jornal, quando o é. É um sentimento, talvez ilusório, de que, se não escrevesse assim às pressas, no dia-a-dia do jornal, poderia escrever algo melhor — poderia, quem sabe, criar uma verdadeira e decente obra literária, algo de mais orgânico, mais condensado e mais forte que êste lero-lero ocasional. Que inveja eu tenho de um conto de Clarice Lispector, de um poema de Joaquim Cardoso ou Dante Milano, para citar apenas gente daqui e da mesma lida! Se eu tivesse dinheiro mandaria fazer edições de autores assim, para dar o livro de presente a tôda pes-

soa que me fizesse um elogio que eu sentisse sincero — em um gesto de gratidão e humildade.

Não estou fazendo fita, minha senhora: acredite que nesta fronteira de jornalismo com a literatura, a gente sente um certo remorso quando obtém algum êxito. Talvez o cronista possa sentir algum legítimo consôlo pensando que, afinal, êle pode ser uma espécie de ponte entre os leitores que o admiram e os autores que êle admira. Lembro-me da vaidade que senti quando uma pessoa me disse ter comprado um livro de poemas de Carlos Drummond de Andrade por fazer fé em um elogio meu. A meia literatura vale alguma coisa se ela pode conduzir à boa literatura.

Entim, minha senhora, cada um faz o que pode, e o que é bom mesmo na vida, não é o que se faz, é o que se vive; o que vale na arte é que ela nos ajuda a viver mais intensamente. Ora, pois, vivamos. E como eu vivo de crônicas, pense isto a meu favor quando a minha crônica lhe agrada pouco, ou nada. Muito agradecido.

CM 26.5.53
O Globo 25.2.61
DN 11.6.67

gratuito

Diário de Notícias — 11/6/67 dom

286